

Desafios, trajetórias, espaços e aprendizados com os excluídos da escola no Brasil: O caso de Sorocaba e região

Beatriz Elaine Picine Magagna *

Marcos Antonio dos Santos Reigota **

Como citar este artículo/Citation: MAGAGNA, B., & REIGOTA, M. (2014). Desafios, trajetórias, espaços e aprendizados com os excluídos da escola no Brasil: O caso de Sorocaba e região. En *Revista Espacios Transnacionales* [En línea] No. 2. Enero-Junio 2014, Reletran. Disponible en: <http://www.espaciostransnacionales.org/segundo-numero/conceptos-2/desafiostrajetorias/>

Copyright: © 2014. Este es un artículo de acceso abierto distribuido bajo los términos de la licencia Creative Commons Attribution-Non Commercial (by-nc) International 4.0.

O Brasil tem sido reconhecido internacionalmente como um país de grandes mudanças econômicas, políticas e sociais. No entanto o acesso e a permanência no ensino fundamental ainda é um grande desafio para as pessoas das camadas mais pobres da população. Por isso, a Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma alternativa que se apresenta para aqueles e aquelas que não tiveram acesso à escola, ou que nela não puderam permanecer. Em 1998 a Universidade de Sorocaba (UNISO), iniciou um programa de alfabetização direcionado a esse grupo social, com a previsão de duração de um ano que devido a alta demanda continua até os dias atuais. Pautado na proposta pedagógica de Paulo Freire, o principal objetivo é contribuir com os/as jovens e adultos em seus processos histórico, social e cultural, na construção de seu (auto) reconhecimento como sujeitos de direitos.

Brazil is international avowed like a country with importante changes in economics, politics and social issues. However, the entrance and permanence in basic school have important challenges for the poorest people. In 1998 Sorocaba University (UNISO) began an alfabetization program focuses in young and adult people that still remains in our days. This pedagogic proposal is inspired in Paulo Freire and the goal is to contribute girls and adults in their historical, social and cultural process for be a subjects that recognize their rights.

Keywords: Education, scholar, analfabetism, Brazil, Sorocaba

Palavras-chave: *Educação escolar, analfabetismo, Brasil, Sorocaba*

Fecha de recepción: 6 de febrero del 2014.

Fecha de aceptación: 30 de abril del 2014.

Nos últimos anos os principais jornais e meios de comunicação internacionais têm se referido com grande entusiasmo ao desenvolvimento econômico e social que ocorre no Brasil. Geralmente essas reportagens são acompanhadas de comentários positivos de influentes especialistas e pesquisadores das principais universidades do mundo.

Os dois últimos presidentes, Fernando Henrique Cardoso (FHC) e Luiz Inácio Lula da Silva (Lula), apesar de suas agueridas polaridades ideológicas, seguiram o mesmo ideário econômico neoliberal, sendo que o segundo conseguiu ampliar as políticas sociais, com muito sucesso, iniciadas pelo primeiro. Ambos foram reconhecidos com títulos de doutorado *honoris causa* em inúmeras universidades brasileiras (principalmente Lula), europeias e norte-americanas. Também não lhes faltaram títulos de reconhecimentos outorgados por jornais como o “Le Monde” que considerou Lula o homem do ano em 2009 e instituições como a Unesco que em 2008 lhe concedeu que o Félix Houphouët-Boigny Peace Prize. Já FHC foi contemplado em 2012, em Washington, com o John W. Kluge Prize considerado o Nobel das ciências sociais. No Brasil os partidários de um e de outro travam disputas de grande violência verbal na reivindicação do capital simbólico

* Coordenadora do Programa de Educação de Jovens e Adultos da Universidade de Sorocaba (PROEJA-UNISO). E-mail: beatriz.magagna@prof.uniso.br

** Professor da Universidade de Sorocaba. E-mail: marcos.reigota@prof.uniso.br

por terem colocado o Brasil nesse patamar internacional de credibilidade e expectativas, de diminuir o abismo social e econômico entre classes sociais, garantir o funcionamento democrático das instituições, além de situar a economia entre as seis maiores do planeta. A herdeira política desse processo, Dilma Rousseff encontrou um cenário internacional menos favorável e entusiasta e no âmbito interno se viu confrontada com as inúmeras manifestações públicas de protesto em junho de 2013. Protagonizadas principalmente por jovens dos grandes centros urbanos essas manifestações surpreenderam intelectuais, ativistas e políticos aliados do governo federal e desconstruíram os discursos publicitários, acadêmicos e mediáticos que afirmavam que no Brasil tudo estava indo muito bem.

É inegável que as mudanças econômicas e sociais se fazem sentir e são visíveis no Brasil contemporâneo, resultado também da intensa reivindicação dos mais diversos movimentos sociais originados durante a ditadura civil-militar (1964-1984). Não são poucos os estudos (Guattari; Rolnick, 1986, Sader, 1988, Serbin, 2000) que mostram o movimento da sociedade brasileira pelas reivindicações que lentamente ganharam legitimidade pública, ampliando o debate político e as exigências por democracia, direitos e justiça, além de serviços públicos básicos garantidos pela constituição. No entanto, e apesar das estatísticas favoráveis e do otimista processo de validação simbólica nacional e internacional das políticas sociais e econômicas adotadas nas últimas décadas, os direitos básicos (como a educação escolar) da população mais pobre, de origem popular, rural e operária continua sendo um problema concreto, inclusive nas regiões mais ricas do país. O “Relatório de Monitoramento Global de Educação para Todos” estudo realizado pela Unesco entre 2005 e 2011 com ampla discussão na mídia brasileira informa que o “Brasil tem 13,9 milhões de analfabetos adultos”. (Santos; Azevedo, 2014,p.A18).

Para alguns especialistas a falta de acesso à escolarização trata-se de um problema estrutural de difícil solução já que na história brasileira os direitos básicos

nunca foram universais. Para os especialistas que seguem o ideário econômico neoliberal, trata-se de um problema “natural” inerente ao capitalismo que exclui grande parte da população dos benefícios, direitos e riquezas construídas coletivamente.

Dentro desse mesmo grupo de especialistas neoliberais encontram-se também discursos sobre a educação escolar voltada aos mais pobres, como um elemento constitutivo de mão de obra que o mercado de trabalho necessita e o sucesso desse processo educativo está intimamente relacionado com as competências exigidas pelo competitivo mercado de trabalho.

No momento histórico em que o capitalismo internacional se configura pela precarização do emprego, ampliação e estímulo acirrado da concorrência entre os trabalhadores, os direitos básicos (como a educação escolar), tornam-se requisitos incontornáveis na desproporcional luta cotidiana pela sobrevivência e da consolidação de uma sociedade justa e democrática.

Para atender os jovens e adultos que pelos mais diversos motivos não tiveram acesso à educação escolar oficial brasileira, ou que nela não conseguiram permanecer durante a faixa etária correspondente, a Universidade de Sorocaba iniciou um projeto de alfabetização.

A cidade de Sorocaba no Estado de São Paulo (considerado o mais rico e desenvolvido do país) e os outros quatorze municípios da região reproduzem uma situação brasileira bem conhecida que é a presença de indicadores de alto desenvolvimento econômico, educacional, político, tecnológico, social e cultural ao lado de índices de pobreza intensa de grande parcela da população. Esse anacronismo se reflete na falta de acesso, por parte dos mais pobres, à educação escolar ou na impossibilidade de nela permanecer no tempo mínimo garantido pela Constituição de 1988 .

As pessoas que têm procurado o Programa de Educação de Jovens e Adultos da Universidade de Sorocaba (PROEJA-UNISO) são oriundos dessa classe social, com-

posta de trabalhadores não especializados, agricultores, donas de casa, comerciários, etc., que se sentem obrigados, desafiados e/ou constrangidos, por questões sociais, culturais e de trabalho, a recuperarem a defasagem de aprendizagem dos conteúdos escolares mínimos, em tempo curto e em processos pedagógicos diferenciados.

Para as pessoas com necessidades e desejo de aprenderam ou de aprofundarem seus conhecimentos de leitura e escrita que nos procuram, a compreensão de sua participação no mundo contemporâneo letrado e a discussão problematizada da trajetória de cada um na tentativa de busca de alternativas e de solução aos problemas diários de sobrevivência, apresenta-se, através das práticas pedagógicas, como uma oportunidade concreta de acesso aos direitos sociais e, conseqüentemente, de uma melhor satisfação pessoal e inserção profissional.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) teve sua origem no Brasil com diferentes bases pedagógicas e em diferentes contextos políticos e culturais, tendo como foco principal o de ser uma educação destinada àqueles e aquelas que não tiveram oportunidades de acesso ou permanência na escola. (Barcelos, 2010).

A sociedade brasileira estabeleceu uma forte linha divisória separando os que sabem ler e escrever e utilizam-se dos conhecimentos escolares universais mínimos dos desprovidos dos saberes e cultura escolar, ampliando assim as diferenças abissais entre os cidadãos e as cidadãs de iguais direitos, transformando o que é direitos de todos em privilégio de alguns.

Pautados nas trajetórias escolares (ou nas ausências delas), das pessoas que nos procuram, podemos considerar que estamos distantes de uma sociedade justa ou dos indicadores sociais e humanos de desenvolvimento que se espera da sexta economia mundial.

A legislação brasileira que declara a obrigatoriedade da educação escolar dos sete aos quatorze anos, esbarra numa série de problemas sociais, econômicos, políticos e pedagógicos para ser cumprida.

“A *s nossas práticas pedagógicas têm como característica comum buscar desenvolver os conteúdos exigidos de forma a permitir a reflexão constante do cotidiano do educando, acrescentando temas atuais, instigando-os na reflexão e discussão do tempo histórico e a sociedade em que vivemos”*

O Ensino Fundamental representa a formação mínima para a inserção no mercado de trabalho oficial e legalizado. As empresas exigem, além da certificação de conclusão, conhecimentos adequados de língua portuguesa, matemática e ciências que subsidiem o trabalhador no desempenho de suas tarefas cotidianas. Nesse contexto estão descartados ou considerados como supérfluos os conhecimentos oferecidos pelas humanidades, principalmente aqueles que instigam a reflexão e ação política e social de cada cidadão e cidadã e de sua “presença no mundo” (SAVATER, 1998). Os conhecimentos escolares exigidos dos trabalhadores e trabalhadoras são os práticos e úteis para as exigências da produção.

Nossa proposta de alfabetização procura aliar o acesso aos conhecimentos escolares, em conexão com a discussão sobre direitos, representação política, processos de subjetivação, alteridade e outros temas que caracterizam a vida cotidiana contemporânea, numa releitura e contextualização da pedagogia freireana.

A Universidade de Sorocaba é fortemente influenciada por Paulo Freire. Foi na antiga Faculdade de Filosofia que ele realizou um dos seus primeiros seminários, logo após seu retorno ao Brasil depois de 16 anos de exílio (Vannuchi, Santos, Freire 1983). Com essa tradição e nesse contexto político e pedagógico foi iniciado em março de 1998, o projeto denominado: “Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos”. Previsto inicialmente para durar apenas um ano, pensava-se

que a quantidade de analfabetos em Sorocaba e região era muito pequena e que em curto prazo, seria possível alfabetizar a todos (os eventuais 100 analfabetos) e a cidade e região ficariam então sem analfabetos. O jogo de palavras (cem e sem) ficou inadequado em pouco tempo, pois as previsões sobre a quantidade de analfabetos na cidade e na região estavam completamente equivocadas.

A proposta inicial oferecia aos jovens e adultos que nos procuravam a possibilidade de formação do primeiro segmento do ensino fundamental (1ª a 4ª séries). Com o passar dos anos os alunos que concluíam a 4ª série impulsionaram o prosseguimento de estudos até a conclusão da fase final do ensino fundamental de oito anos.

No início, o projeto contou com a colaboração de professores voluntários da Pastoral da Campanha da Fraternidade que em 1998 teve como tema “Educação e Fraternidade”. O voluntariado, entretanto, não se mostrou positivo devido a troca constante de professores e o tempo gasto em sua substituição que ocasionavam a interrupção do processo de formação. (Funes, 2010).

Em 2001 foram efetuadas parcerias entre a UNISO e as secretarias de educação dos municípios da região de Sorocaba. A universidade passou a oferecer a formação gratuita dos professores, o acompanhamento do processo de ensino e aprendizagem e o material didático. Em contrapartida, os municípios disponibilizam locais para as aulas e o pagamento do salário dos professores.

Essas parcerias vieram resolver uma série de problemas estruturais e pedagógicos. No início as aulas eram dadas em salões paroquiais, garagens, pequenos cômodos, enfim em qualquer local que tivesse sido disponibilizado por pessoas, igrejas ou outras instituições próximas dos jovens e adultos matriculados. A narrativa abaixo exemplifica um desses momentos:

Em junho de 1998, recebemos um telefonema da Sociedade Amigos do Bairro Bosque dos Eucliptos em Araçoiaba da Serra, cidade com características rurais, pedindo o apoio para a mon-

tagem de um núcleo/sala de aula. Marcamos a primeira visita na semana seguinte. Por se tratar de um bairro rural, a dificuldade de localização é extrema, as estradas em sua maioria, são de terra. As casas não possuem numeração, e as ruas são tortuosas, sem um padrão definido. Chegando ao local, a cena nos surpreendeu. A “sala de aula” tinha sido montada em uma estufa desativada, tendo apenas a cobertura, com plástico, do teto. A professora utilizava uma lousa pequena que era mantida em pé pelas mãos do filho de uma das alunas. A mesa da sala de aula, improvisada, eram dois cavaletes e duas tábuas. Ao redor da professora encontravam-se seis alunos, cinco mulheres e um homem, e o frio de junho não decepcionava. Naqueles instantes, tivemos a noção do que significava a Educação de Jovens e Adultos no Brasil, das dificuldades que enfrentaríamos, nos emocionamos com o que vimos e nos comprometemos. A alegria com que fomos recebidos pela professora e pelos alunos, das esperanças narradas naquela noite fria, dos sonhos que se realizavam a partir da montagem daquela sala nos fez compreender a dimensão do Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos. Com a nossa intervenção, esses alunos foram transferidos para a casa de uma outra professora da região e depois para a escola municipal do bairro. (Magagna, 2004).

As dificuldades e desafios iniciais foram sendo superados e depois de alguns anos. As salas de aula contam com número reduzido de alunos, separados por fase: 1ª fase (primeiro segmento do ensino fundamental) e 2ª fase (segundo segmento do ensino fundamental). O conteúdo escolar obrigatório é abordado como um processo de construção social e histórico e em relação com as experiências e conhecimentos que cada um traz sobre esse mesmo conteúdo. Os horários de aula são flexíveis para que os jovens e adultos possam adequar o seu tempo de trabalho ao tempo de aprendizagem, respeitando o ritmo de cada um. Essa flexibilidade de horários é fundamental para que eles e elas não desistam de estudar devido ao cansaço

provocado pelas outras atividades cotidianas. Vinculamos o conteúdo escolar exigido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, aos problemas sociais e pessoais apontados e experimentados pelos jovens e adultos, praticando o que Paulo Freire define como “leitura crítica da atualidade”. (Freire, 1987:106-107).

As nossas práticas pedagógicas têm como característica comum buscar desenvolver os conteúdos exigidos de forma a permitir a reflexão constante do cotidiano do educando, acrescentando temas atuais, instigando-os na reflexão e discussão do tempo histórico e a sociedade em que vivemos, procurando discutir as possibilidades que temos de nos tornarmos cidadãos dignos e realizados. (Germano, 2006).

A reflexão sobre o cotidiano do educando, problematizando-o, é uma opção política e pedagógica que nos auxilia nas discussões que abordam desde as condições e exigências de ingresso ou permanência no mercado de trabalho até a Carta Universal dos Direitos Humanos. Desde seu início o projeto tem recebido jovens e adultos cuja faixa etária varia de 14 aos 86 anos. Esse contato entre gerações diferentes é um processo pedagógico de grande importância. Muitas vezes os relatos dos mais velhos auxiliam a compreensão histórica e particular experimentada pelos mais jovens e vice-versa. Assim nossa proposta política e pedagógica não objetiva apenas o certificado de conclusão do ensino fundamental, mas também oferecer um espaço de discussão e reflexão sobre aspectos da vida cotidiana que cada um experimenta e que pretende modificar, socializar e/ou aprofundar. Desde 1998 já atendemos **25.326** jovens e adultos, sendo que de lá até 2013, em média, por ano 20% de matriculados entre 14 anos e 18 anos, 40% entre 20 e 35 anos, 40% matriculados com mais de 50 anos. Em 2014 tivemos, até o momento em que concluímos esse artigo, 737 matriculados.

A heterogeneidade etária, cultural e de gênero em uma sala de aula mostra alguns aspectos que revelam as expectativas de cada um em relação ao processo

de aprendizagem, principalmente da leitura e da escrita da língua portuguesa, que vão muito além do desejo de se obter um documento para entrar no mercado de trabalho e ter garantidos os direitos trabalhistas. Por se tratar de um processo pedagógico freireano, o processo dialógico é revelador do cotidiano e das expectativas de cada pessoa. Assim principalmente entre as mulheres, temos relatos que afirmam que a busca do Programa de Educação de Jovens e Adultos da Universidade de Sorocaba se deu por motivos bem distantes da inserção ou melhorias no mundo do trabalho. Não são poucos os que afirmam que nos procuraram pela vontade de leitura e interpretação da Bíblia, pela necessidade e vontade de escrever cartas para os familiares distantes, ou ainda adentrar ao universo letrado vivenciado pelos filhos que tiveram a oportunidade de estudar, inclusive em universidades. Não faltam também relatos de expectativas de superação social e cultural através dos estudos, pois consideram que ultrapassada a primeira fase, terão forças e condições de continuarem e, se tornarem médicos, advogados ou professores (Magagna, 2004).

“Desde 1998 já atendemos 25.326 jovens e adultos, sendo que de lá até 2013, em média, por ano 20% de matriculados entre 14 anos e 18 anos, 40% entre 20 e 35 anos, 40% matriculados com mais de 50 anos. Em 2014 tivemos, até o momento em que concluímos esse artigo, 737 matriculados.

A pedagogia freireana enfatiza que não podemos nos preocupar apenas com o método de ensino-aprendizagem desprovido da reflexão maior da importância da educação letrada na sociedade contemporânea e na vida cotidiana de todos. Nesse sentido a sua proposta pedagógica se posiciona a favor da liberdade, da justiça e da autonomia do ser humano, entendendo que a luta pela construção de uma sociedade mais democrática e justa passa necessariamente pelo acesso aos conhecimentos coletivos. Ter a possibilidade de aprender a ler e a escrever é um direito mínimo de todos e todas.

Quadro 1.- QUADRO DE ALUNOS MATRICULADOS

CIDADES	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014
Araçariгуama	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	94	61	71	103
Alumínio	*	*	*	*	*	*	04	03	12	09	*	*	*	*	*	*	*
Araçoiaba da Serra	*	*	*	122	318	647	725	544	609	467	410	481	338	182	151	96	65
Capela do Alto	*	*	*	*	*	*	*	370	285	162	163	74	162	16	152	10	18
Ibiúna	*	*	112	113	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Iperó	*	*	*	*	*	58	32	*	5	*	*	*	*	*	*	*	*
Itapetininga	*	*	*	*	*	41	106	*	*	*	*	123	52	212	209	115	108
Itu	*	*	*	*	*	*	02	12	08	33	68	*	*	*	*	*	*
Jumirim	*	*	*	*	*	*	14	04	30	06	08	13	13	07	06	*	*
Laranjal Paulista	*	*	96	121	134	133	138	132	131	89	136	91	66	*	*	*	*
Mairinque	*	*	*	*	*	19	22	*	*	*	86	10	39	63	201	112	189
Pereiras	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	51	21	*	*	*	*	*
Piedade	*	*	*	*	*	*	34	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Pilar do Sul	*	*	*	05	*	13	*	*	*	*	*	*	87	42	181	122	98
Porto Feliz	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	41
Quadra	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	20	69	50	21	21
Salto	*	*	49	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
Salto de Pirapora	*	*	03	44	42	17	06	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
São Roque	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	165	407	512	105	222	87	81
Sorocaba	300	650	1232	1274	1614	1418	1234	711	528	321	286	24	04	99	48	13	13
Tietê	*	*	*	*	*	*	100	495	522	487	319	316	215	*	*	*	*
Votorantim	*	*	74	33	230	121	56	35	40	26	41	*	*	12	*	*	*
SUB TOTAL	300	650	1566	1730	2338	2567	2873	2344	2135	1432	1768	1459	1293	943	1281	647	737
TOTAL: 26, 063																	

Obs.: O PROE/A- Uniso ainda está em fase de matrícula. O número de matriculados de 2014 pode aumentar.

Quadro 2.- QUADRO DE ALUNOS QUE CONCLUÍRAM O PROEJA-UNISO

FASE	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013
1ª (1ª A 4ª)	145	231	127	246	208	256	218	254	159	110	224	196	133	150	181	52
2ª (5ª A 8ª)	*	*	142	115	129	180	129	147	231	93	346	*	*	*	24	*
3ª (EM)	*	*	7	34	79	67	14	15	*	*	*	*	*	*	*	*
Sub Total	145	231	276	395	416	503	361	416	390	579	570	196	133	150	205	52
Total	4,642															

Obs.:

*A evasão em média representa 34% anualmente, em sua maioria são questões familiares e de trabalho. Alguns voltam no ano seguinte;

*Os resultados da avaliação de 2ª fase não são computados, pois os alunos passam por avaliação, aplicada pelo Enceja - Exame Nacional para Certificação de Competências de Jovens e Adultos, parceria entre o INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira do Governo Federal e SEE – Secretaria do Estado de São Paulo. Os resultados são disponibilizados apenas aos alunos, inviabilizando uma contagem efetiva do resultado.

Um dos nossos primeiros movimentos tem sido procurar desconstruir o sentimento de incapacidade que foi incutida nos jovens e adultos com os quais trabalhamos. Eles e elas afirmam constantemente que não têm inteligência suficiente para aprenderem “essas coisas da escola.” Ouvimos dos jovens e adultos afrodescendentes relatos em que explicitam momentos em que foram vítimas de racismo explícito. Eles e elas cresceram ouvindo “que negro não nasceu para estudar e sim para trabalhar duro”. Várias mulheres nos relataram que foram impedidas de estudar pelos pais ou pelos maridos, que alegavam que a escola não era lugar para elas, reproduzindo e impondo o preconceito de que lugar de mulher é em casa, na cozinha e cuidando dos filhos. Um de nós (BM) presenciou a seguinte situação em uma das salas de aula:

Em um bairro rural, distante 30 km do centro de uma pequena cidade no entorno de Sorocaba, a professora reclamou que não conseguia ensinar a aluna Maria. A professora me disse que por mais que mudasse a forma de ensinar, inclusive com o uso de imagens, não tinha obtido êxito. O mais preocupante era que quando Maria tentava fazer o que era solicitado pela professora, ou então, quando a professora chegava perto dela

para observar o solicitado, Maria ficava muito nervosa e começava a chorar. Pedi a professora que na minha próxima visita usasse o mesmo procedimento com Maria e, que eu alegando estar ocupada com alguma coisa iria ficar observando as duas. O que foi feito. Depois de vinte minutos de observação notei que o rapaz que sentava atrás de Maria, ficava o tempo todo balbuciando em seu ouvido e que ela ia se encolhendo. Sem ser notada me posicionei atrás do rapaz. Qual não foi minha surpresa quando percebi que ele falava no ouvido de Maria: “Você não vai conseguir aprender, você é muito burra...” Gentilmente, solicitei ao rapaz que me acompanhasse para fora de sala. Conversando com ele, fiquei sabendo que ele era o marido de Maria. Ele fazia de tudo para que ela desistisse de estudar. Conversamos um bom tempo, expliquei que sua atitude era no mínimo desumana. Pedi à professora que o trocasse de lugar e depois conversei com Maria lhe explicando, a insegurança do marido. Pedi a ela que não desistisse de estudar. No mês seguinte voltei a encontrar Maria. Ela estava aprendendo com tranquilidade e o marido tinha deixado o PROEJA-UNISO. Maria concluiu o curso.

Analisar as condições econômicas, sociais e culturais em que estamos inseridos, são aspectos fundamentais de nossas práticas pedagógicas, pois entendemos que não podemos ficar restritos apenas ao método de ensino-aprendizagem de conteúdos escolares.

Em uma sociedade letrada a educação escolar pode tornar-se um instrumento de libertação de formas consolidadas de alienação, dominação e opressão e um processo de produção de sentido do/no/ cotidiano.

A educação de jovens e adultos é praticada tendo como princípio a presença dos sujeitos nos processos histórico, social, existencial, cultural, consciente e concreto e em um movimento ininterrupto, objetivando a construção de uma sociedade justa para uma sociedade igualitária.

Assim, discutindo a importância política do ato de ensinar e de aprender, focando assuntos de interesse pessoal, partindo das suas experiências de vida dos jovens e adultos e de “sua leitura do mundo” (FREIRE, 1980,1987,1996), consideramos que estamos provocando e inseridos em processos de transformação individual e coletiva.

Os/as jovens e os/as adultos quando nos procuram estão inseridos em processos de superação das adversidades e da exclusão de seus direitos. Nesse sentido o obstáculo apresentado pela dificuldade de ler e escrever é apenas um indicador dos desafios que têm procurado e pretendem superar. Em cada sala de aula experimentamos cotidianamente esses movimentos individuais que se misturam no coletivo, que expõem as mazelas da sociedade brasileira, que nos instigam a continuar nosso trabalho. Quando a educação escolar estiver efetivada para além de um direito constitucional e permitir às crianças que por ela passarem enfrentar os desafios e exigências do dia a dia e se sentirem cidadãos e cidadãs de direitos iguais, projetos como o nosso, serão desnecessários porque o Brasil, enfim, se tornou justo, democrático e digno do respeito de todos.

• • • • •

Bibliografia

- BARCELOS, V. (2010). *Formação de professores para Educação de Jovens e Adultos* (3ª edição). Petrópolis: Vozes.
- FREIRE, P. (1980). *Conscientização: teoria e prática da libertação (Uma Introdução ao Pensamento de Paulo Freire)* (3. ed). São Paulo: Cortez & Moraes.
- FREIRE, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- FREIRE, P. (1987). *Pedagogia do oprimido* (17. ed). Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- FUNES, A. (2004). *Programa Sorocaba e Região 100 Analfabetos: Analfabetismo e Voluntariado. Dissertação de Mestrado*. Universidade de Sorocaba.
- GERMANO, MÁRCIA G. (2006). *Narrativas de idosos sobre a escola: uma leitura freireana, Dissertação de Mestrado*. Universidade de Sorocaba.
- GUATTARI, F.; ROLNICK, S. (1986). *Micropolítica: Cartografias do desejo*. Petrópolis: Vozes.
- MAGAGNA, B. (2004). *Um currículo para educar o jovem e o adulto: reflexões sobre a prática no Programa Sorocaba e região 100 analfabetos*. Dissertação de Mestrado.
- MAGAGNA, B. (Org); FUNES, Antonio Jorge; GERMANO, Márcia Aparecida Luna Rodrigues; CAMARGO, Márcia Branco de; BRUSAFERRO, Mariângela (2010). *PROEJA-Uniso: História, Teoria e Prática na Educação de Jovens e Adultos*. Create Editora: Sorocaba.
- SADER, E. (1988). *Quando novos personagens entraram em cena: experiências e lutas dos trabalhadores da grande São Paulo (1970-1980)*. São Paulo: Paz e Terra.
- SANTOS, B.; AZAREDO, M. (2014). Brasil não deve cumprir meta contra o analfabetismo. *O Estado de São Paulo*, 29 de janeiro de 2014, p.A18.
- SAVATER F. (1988). *O valor de educar*. São Paulo: Editora Martins Fontes.
- SERBIN, K. (2000). *Diálogos na sombra: Bispos e militares: Torturas e justiça na ditadura*. São Paulo: Cia das Letras.
- VANNUCCHI, A.; SANTOS, W.; FREIRE, P. (1983) . *Paulo Freire ao Vivo: gravação de conferência com debates realizadas na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras de Sorocaba (1980-1981)*. São Paulo: Loyola.